

Rios, lagoas, cachoeiras e rebojos: religiosidade no espaço fluvial Nambiquara¹

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa (FUNAI, Cuiabá, MT)

Este estudo é parte dos resultados do projeto intitulado Haluhalunekisu: territorialidade mítica Nambiquara, iniciado em 2009. Integra o Programa de Documentação de Línguas e de Culturas Indígenas do Museu do Índio, da Fundação Nacional do Índio, e conta com as parcerias da Fundação Banco do Brasil e da UNESCO, dentre outras, beneficiando diversas comunidades indígenas no fortalecimento de suas línguas e de suas culturas.

O povo Nambiquara, com aproximadamente 2.000 indivíduos, vive atualmente em pequenas aldeias. Está dividido em diversos grupos que vivem em três ecossistemas: Cerrado, Serra do Norte e Vale do Guaporé, a Oeste do estado de Mato Grosso e ao Sul de Rondônia, entre as cabeceiras dos rios Tapajós e Guaporé. Os personagens centrais deste estudo são os grupos que atualmente vivem no Cerrado, a saber: Niyahlosu, Siwaihsu, Hinkatesu, Wakalitesu, Halotesu, Kithãulhu e Sawentesu. Todos são habitam a Terra Indígena Nambiquara, com 1.000.000 ha, localizada a Oeste de Mato Grosso. Todavia, a linha que contorna o espaço apreendido e ocupado pelos Nambiquara do Cerrado tece-se nas urdiduras das suas representações culturais e resulta de um processo etno-histórico no decurso do contato entre povos indígenas vizinhos e grupos sociais oriundos de diversas partes do Brasil. Esses múltiplos espaços são assinalados ora por relações amistosas ora por conflitos, quando a alteridade se irrompe e passa a identificá-los como singulares.

O espaço Nambiquara é apreendido em suas representações, imagens e concepções, portanto, construído em função tanto de seus sistemas de pensamento quanto de suas necessidades. A água, concebida e envolvida em tantos significados, é o ponto de partida para o reconhecimento de seu território. Córregos e rios são os primeiros traços registrados na cartografia improvisada na areia fina do pátio das aldeias, numa escrita efêmera, em detrimento da que se reformula constantemente nas páginas de suas memórias.

Em relação aos Nambiquara do Cerrado, essa cartografia hidrográfica constrói uma reterritorialização baseada em sua vivência, tecida com o entrelaçamento dos fios das histórias que eles mesmos escolhem para captar sua lógica espacial. De fato, as narrativas sobre o saber hidronímico dos grupos do Cerrado, as quais brotam como nascentes d'água, vão além das informações toponímicas e reflete uma "cartografia da experiência" referente ao espaço atualmente vivenciado pelos grupos indígenas. No caso dos Nambiquara do Cerrado, um fragmento do estado de Mato Grosso que inclui, até mesmo, áreas que não foram contempladas pela demarcação territorial efetuada pela Funai, em 1968 e 1973. As histórias delineiam fronteiras vivas, reconfiguradas com as práticas cotidianas dos índios,

¹ Anna-edu@hotmail.com

entendidos como atores sociais, quando reinventam sua própria “pátria” e ressignificam essa produção do espaço, escrita na memória e reescrita a cada instante.

A espacialidade Nambiquara, ao distanciar-se da cartografia dominante em relação à nomenclatura dos cursos dos rios para adentrar na do Nambiquara, apropria-se da visibilidade de um enunciado cultural específico. Consiste, portanto, em um relicário de saberes que em renovação constante aponta novas perspectivas ocupacionais que se forjam na interseção do trabalho, do lúdico, do mítico, do religioso, buscando a resolução de seus impasses com vistas ao bem-estar coletivo. Assim sendo, esse território encontra-se em constante construção, do que advém o desafio contínuo de conhecer o novo, de experimentar outras situações. A cartografia Nambiquara, um elemento altamente estratégico, demonstra que lugares e memória se fundem para descrever as paisagens do cerrado, reflexos de processos distintos utilizados para conceber determinados espaços.

A noção espacial que os índios têm de seu território, com suas aldeias, campos, matas, várzeas, elevações, depressões, rios, córregos, lagoas, rebojos, cachoeiras, é espantosa. Rapidamente, na programação de expedições de caça, pesca e coleta, para abrir trilhas, aldeias ou clareiras na mata para a prática agrícola, os homens se agacham e desenham na areia, com o dedo indicador, a direção a ser seguida. Essa cartografia improvisada, precisa para seus interesses, parte da nascente dos rios, com suas águas ainda solteiras, até sua foz, num encontro esverdeado, característica do cerrado.

A água é também a morada de muitos espíritos do mau, sempre dispostos a atacar. Mesmo com interferência dos espíritos ancestrais e sobrenaturais benfeitores que se empenham para que não os encontrem, esses seres inumanos criam circunstâncias propícias para cruzar seus caminhos. Acreditam que o simples fato de vê-los pode levar à morte, caso não seja um *wanintesu*, pajé. Este deve incumbir-se de indicar os lugares inapropriados à presença humana, assim como ensinar-lhes seus nomes, sua aparência física e seus hábitos, incluindo os alimentares (especialmente cadáver putrefato, sangue, tubérculos coletados no fundo dos rios).

As águas cristalinas do cerrado, por abrigarem uma quantidade de espíritos maléficos, alguns deles com hábitos antropofágicos. Nascentes d’água, buritizais, brejos, cachoeiras, lagoas e rebojos são visitados com restrição por pessoas Nambiquara despreparadas para possíveis enfrentamentos com seres inumanos, as quais evitam ir a esses locais desacompanhadas, até mesmo durante a luz do dia. Entendidos como lugares de seres míticos, grande parte de índole má, não são propícios ao banho ou brincadeiras, independentemente do volume ou da intensidade da queda d’água.

A hidronímia Nambiquara, carregada de sentido simbólico, reflete uma relação natureza/homem articulada à imagem que essa sociedade constrói de si própria: como se agrupam, em que creem, o que lembram e, até mesmo, o que esquecem. As florestas de galerias, muralhas verdes que recobrem parte do cerrado, apartam os cursos d’água das aldeias e do mundo dos não indígenas, como o Juína e o Caranã. Nelas, os Nambiquara abrem clareiras para suas roças, caçam e coletam frutos e insetos. Até certo ponto essa faixa verdejante distancia e protege a área aldeã dos seres maléficos que moram nas águas dos córregos, rios, brejos e lagoas, rebojos e cachoeiras. Os rios, linhas que serpenteiam e bordam a terra, desempenham um importante papel na criação da experiência que encanta

e significa simbolicamente o mundo Nambiquara. Expressam, formam e documentam diferentes visões do sobrenatural, compondo uma paisagem em constante movimento, ressignificada pelas práticas indígenas.

Mas, o que há entre o céu e o cerrado Nambiquara? Acreditam os índios que na abóbada celeste existe uma enorme figueira, *Haluhalunekisu*, de imensas raízes que envolvem a terra de todos os homens. *Halu*, *halu* representa o choro da mulher-espírito, dona da figueira nativa, encontrada nas florestas do território Nambiquara; *nekisu* significa árvore. Assim, *Haluhalunekisu* é a “Árvore do choro”. *Dauasununsu*, ser sobrenatural, conhecedor de todas as coisas, reina nesse frondoso vegetal de copa verdejante. Mas, não está só: em seus galhos vivem as aves curiangos, tesoueiros grandes e tesoueiros pequenos. No começo da estação chuvosa frequentam a terra para procriar e somente quando as asas de seus filhotes estão crescidas e emplumadas o suficiente para voar, o bando retorna à árvore celestial. Além desses pássaros, existem as libélulas, encarregadas por *Dauasununsu* de fazer chover. Nas ramagens de *Haluhalunekisu* vive também um gavião, ave rapina que constrói seu ninho feito de ossos e cabelos humanos. É temida tanto por aqueles pássaros e insetos moradores da figueira quanto pelos experientes pajés, únicos que podem enxergar suas raízes e que precisam frequentar a árvore com regularidade. Ao seguirem por suas imensas raízes, caminho inversamente percorrido pelos raios, os pajés conseguem atingir a copa da árvore, a fim de renovar seus poderes espirituais junto a *Dauasununsu*, momento em que também são presenteados com novos nomes para dar às crianças que estão para nascer.

Só o pajé é capaz de chegar a árvore celestial, ao adornar-se com sua narigueira emplumada. Na concepção Nambiquara, a narigueira emplumada representa o gavião, morador da árvore celestial. Possuidor de forças inumanas, ao ceder uma de suas penas, a ave transfere poderes ao pajé que, ao ornar-se com tal atavio, passa a ter o privilégio de voar e chegar até *Haluhalunekisu*. Ao retornar às aldeias, com mais forças tem condições de combater as ações dos espíritos malfeitores que costumeiramente alimentam-se das enormes raízes suspensas, com o propósito de impedir o encontro do pajé com *Dauasununsu*.

Para o Nambiquara, o equilíbrio da vida depende do trabalho de purificação da figueira celestial. Essa tarefa é instigada pelo repertório musical do pajé, entoado nas sessões noturnas de cura. Cantam os índios: “O filhote de gavião está chorando porque debaixo dela está muito sujo”. Essa impureza refere-se aos desacertos relacionados às atitudes humanas. Mas, proporcionar harmonia à aldeia não é uma atribuição específica dos pajés. Todos têm a responsabilidade de trazer alegria ao espaço aldeão. Dessa forma, podem impedir que as folhas da figueira percam sua cor verdejante, ressequem e caiam sobre a aldeia, sinais de desagrado de *Dauasununsu*. É importante que satisfaçam seus desejos de alegria, bondade e beleza. Caso contrário, castigará a todos, indistintamente, com a escuridão.

Sob as imensas raízes de *Haluhalunekisu*, as águas encantadas integram uma paisagem em que a dicotomia natureza/homem não encontra espaço. Ela interage com a prática humana, a percepção, a narrativa, quando as formas de entender a natureza estão imbricadas inexoravelmente na percepção e construção do próprio mundo. A natureza,

enquanto paisagem humanizada, é o resultado de ações que demonstram o fascínio das águas na trajetória dos Nambiquara. Os rios que serpenteiam seus territórios, mesmo renomeados pela cartografia oficial, evidenciam modos particulares de ocupação territorial. À sua maneira, os Nambiquara do Cerrado ocupam suas terras em inúmeras ações, narrativas, pensamentos e incluem o universo dentro do próprio esquema de cultura.